

Nossa Senhora do Rosário

COLABORAÇÃO:
PADRE PEDRO GONDIM

“No início do século XIII surgiu na França uma heresia dirigida por dois senhores feudais da região de Albi que desejavam impor as suas idéias por meio das armas. Os Albigenses, como eram chamados seus sectários, queimavam as igrejas, profanavam as imagens dos santos e perseguiram os católicos espalhando o terror no sul da França.

Auxiliado por alguns sacerdotes, o cônego Domingos de Gusmão foi encarregado pelo papa Inocêncio III de combater a terrível heresia e reconquistar as almas para a Igreja. Apesar de sua eloquência e seus esforços, a má vontade dos homens era grande e São Domingos passava as noites ao pé do altar, implorando o auxílio de Deus.

Certo dia, enquanto rezava em sua cela, apareceu-lhe a Virgem Maria sobre uma nuvem luminosa e ensinou-lhe um método de oração garantindo-lhe que daria resultados maravilhosos. Assim surgiu a devoção ao Rosário, composto sob a orientação da Rainha do Céu e que em pouco tempo trouxe de volta ao seio da Igreja inúmeros pecadores.

São Domingos, a fim de perpetuar o esforço missionário que começara com tão férteis resultados, fundou a Ordem dos Irmãos Pregadores ou Dominicanos, com a missão de propagar a devoção do saltério de Nossa Senhora, que logo se estendeu por diversos países da Europa. A consagração definitiva do rosário foi por ocasião da famosa batalha

naval de Lepanto, ganha pela Cristandade a 7 de outubro de 1571. Enquanto a armada cristã lutava desesperadamente contra os turcos o povo em Roma rezava a oração ensinada pela Virgem Maria. A fim de immortalizar o triunfo das forças cristãs, Pio V instituiu a festa de Nossa Senhora das Vitórias, cujo nome foi mudado para Nossa Senhora do Rosário pelo seu sucessor, o papa Gregório XIII, que reconheceu no rosário a arma da vitória. No século XIX todo mês de outubro foi dedicado pela Igreja Católica a esta piedosa oração.

No Brasil a devoção ao Santo Rosário foi trazida pelos missionários e logo se espalhou; principalmente entre os pretos escravos que nele encontraram as orações mais simples e populares: o Pai-Nosso e a Ave Maria. Eles usavam o rosário pendurado ao pescoço e depois dos trabalhos do dia reuniam-se em torno de um “tirador de reza” e ouvia-se então, no interior das senzalas, o sussurrar das preces dos cativos. O terço era toda a liturgia dos pobres, dos que não sabiam ler nem escrever, mas que elevavam sua alma na contemplação dos mistérios da vida de Maria e de seu Divino Filho.

Segregados do convívio dos brancos por intransigentes preconceitos sociais, os pretos africanos, que afluíam às minas nas mais duras condições de escravidão, impossibilitados de prosseguirem no culto das divindades fetichistas, escolhe-

ram dentro do hagiológico católico três patronos: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Os dois últimos eram de origem africana. Mas por que eles escolheram a Virgem do Rosário? Diz o psicólogo Artur Ramos que os escravos de procedência banto, principalmente os de Angola e Congo, assim agiram porque a Senhora do

Os
MOÇAMBIQUEIROS
E OS CONGOS
TODOS OS
ANOS SE
REÚNEM EM
GRUPOS PARA
DANÇAREM EM
HOMENAGEM À
SENHORA DO
ROSÁRIO...”

Rosário já era sua padroeira na África, cujo culto para lá fora levado pelos colonizadores portugueses e pelos primeiros missionários que se dirigiam àquele continente com a finalidade de converter os selvagens à religião cristã. Outros afirmam que sua divulgação foi feita pelos Dominicanos e Franciscanos que tinham

grande penetração nos antigos engenhos, e assim propagaram o culto da Virgem do Rosário. Em várias cidades do Brasil, principalmente em Minas Gerais, nas vilas do ouro e dos diamantes, os negros associaram-se em confrarias sob o patrocínio dos santos escolhidos. Foram inúmeras as Irmandades do rosário, mas todas elas em seus estatutos exigiam que os maiores fossem pretos libertos ou cativos e que todos os anos fossem eleitos um Rei e uma Rainha, ambos negros de qualquer nação, que seriam obrigados a assistir às festividades religiosas, acompanhando no último dia a procissão, atrás do pálido. Nos dias de festa eles apareciam ricamente trajados e presidiam às cerimônias rituais, cercados pela sua corte. Em seguida o grupo descia as ruas

da cidade exibindo músicas, danças e cânticos, que haviam trazido de seu país de origem. Assim surgiram os foguedos populares: reisados e congadas do Rosário.

Quanto à origem das danças em louvor a Nossa Senhora do Rosário, os pretos velhos de hoje cantam a seguinte lenda: a Virgem do Rosário apareceu em uma gruta. O padre do arraial pegou aquela imagem tão linda e levou-a para a remida. Entretanto, a estátua desapareceu do altar, e após muita procura, foram encontrá-la novamente na lapa. Por diversas vezes ela foi levada e tornava a voltar. Havia por ali homens que se vestiam de congo e outros de moçambiques. O padre chamou-os e todos confessaram e comungaram; arrumaram um andor de jacá de boca de sino e ali colocaram a imagem de Nossa Senhora. Fizeram uma procissão e foram cantando e dançando até a igreja. Chegando lá os congos pararam na porta do tempo e os moçambiques continuaram pulando e dançando até colocarem a efígie no altar. E desde esse dia a santa não mais voltou para a gruta. Afim de comemorar este fato extraordinário, os moçambiqueiros e os congos todos os anos se reúnem em grupos para dançarem em homenagem à Senhora do Rosário...”

Continua na próxima edição

FONTE:
MEGALE, NILZA BOTELHO -
INVOCAÇÕES DA VIRGEM MARIA
NO BRASIL. ED. VOZES. 3ª E cent
PETRÓPOLIS. 1997 - PÁGI se es
outra
cap. 1